

Irmãos pretos

Hannes Binder/Lisa Tetzner

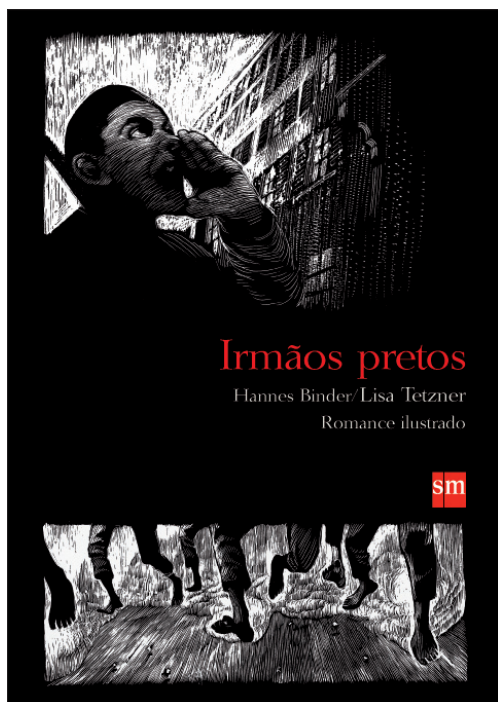
Tradução Irene Aron

Ilustrações Hannes Binder

Temas Trabalho infantil; Clássicos da literatura



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



144 páginas



A HISTÓRIA E OS AUTORES

DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

O costume de vender crianças pobres do Cantão de Ticino, na Suíça, para trabalhar em regime de quase escravidão na Itália se estendeu do início de 1800 a cerca de 1920. Escritores e estudiosos dedicaram dezenas de obras a esse episódio triste da história suíça. Em 1941, Lisa Tetzner e o marido, também escritor, Kurt Kläber (mais conhecido como Kurt Held) escreveram, em conjunto, *Irmãos pretos*, que se tornou um grande clássico da literatura juvenil na Alemanha e na Suíça. Na edição original aparece apenas o nome de Lisa, uma vez que o marido, de origem judaica, estava proibido de publicar.

O romance se baseia na história verdadeira de Giorgio, um adolescente de 13 anos, que desce o vale do Verzasca para trabalhar em Milão como limpador de chaminés. Lisa se inspirou na leitura de um pequeno artigo de jornal sobre a história de crianças pobres das montanhas suíças que eram vendidas por suas famílias. Somente uns poucos, que tinham a sorte de ser adotados ou bem acolhidos na casa em que trabalhavam, conseguiam sobreviver.



Lisa nasceu na Alemanha, em 1894, e exerceu o ofício de contadora de histórias no vale do Reno, na Turíngia e na Suábia. Em 1933, exilou-se na Suíça por causa do anti-semitismo propagado pelo nacional-socialismo, que assumira o poder. Reconhecida como uma das maiores autoras de livros infanto-juvenis em língua alemã, viveu em Carona, perto de Lugano, próxima do cenário de *Irmãos pretos*, até sua morte, em 1963.

A VERSÃO DE HANNES BINDER

Aclamado pela crítica, *Irmãos pretos* foi reeditado, com roupagem nova, na Alemanha, em 2002, sessenta anos depois da primeira edição, que tinha quase seiscentas páginas. O autor, Hannes Binder, recontou a história de Lisa Tetzner na forma de romance ilustrado.

O efeito dramático da série impressionante de gravuras, a interação entre texto e imagem, o recurso ao desenho como forma narrativa para preencher a lacuna deixada pelo texto suprimido fizeram da criação de Hannes Binder, para além do romance ilustrado, uma espécie de filme em preto-e-branco. O projeto do ilustrador suíço consumiu cinco anos de trabalho, inúmeras pesquisas de documentos de época e a visita aos lugares em que a ação se desenrola para a reconstrução geográfica e histórica dos cenários do texto original.

Hannes Binder nasceu em 1947, estudou Belas-Artes em Zurique, trabalhou, entre 1968 e 1971 como artista gráfico em Milão e, mais tarde, como ilustrador em Hamburgo. Hoje vive e trabalha como pintor em Zurique. Sua fama se deve à mestria na técnica do *scraping*, empregada em *Irmãos pretos*, e aos quadinhos com que reproduziu as histórias policiais de Friedrich Glauser. No *scraping*, uma espécie de cartolina é recoberta com um material branco semelhante ao gesso. Em seguida, aplica-se sobre ela uma película negra para que um delicado trabalho de incisão revele, aos poucos, o desenho desejado. As gravuras que compõem *Irmãos pretos* foram objeto de exposições em vários países europeus, em especial na Itália.



POR QUE LER OS CLÁSSICOS?

ATEMPORAIS, INESQUECÍVEIS E TRANSFORMADORES

Há milênios, algumas das questões fundamentais do homem são as mesmas. As aflições íntimas de um grego na democracia ateniense ou de um cidadão italiano na Renascença não diferem, no que têm de essencial, das angústias do homem contemporâneo. Há cerca de 5 mil anos, o homem elabora essas aflições na

forma de mitos, de narrativas simbólicas e ficcionais ou de relatos que pretendem aprisionar a realidade.

Desde os remotos ciclos de contos orientais, passando pelas obras da Antigüidade, fundadoras da civilização ocidental, até os dias de hoje, certos textos tornaram-se atemporais. Lidos por sucessivas gerações, eles ganharam o estatuto de “clássicos”. A literatura clássica constitui uma espécie de genealogia, em que cada autor se insere como herdeiro de determinada linhagem.

Guiados pelo escritor italiano Italo Calvino, descobrimos que clássicos são os livros que se impõem como inesquecíveis, embora sua importância se manifeste para além da consciência, diluída no inconsciente individual ou coletivo, como se cultura fosse o que resta depois de nos esquecermos de tudo o que aprendemos.

Por serem objeto de inúmeros estudos, muitas vezes sabemos dos clássicos pela fama ou pelas opiniões de críticos e de outros leitores. Entretanto, os estudos e comentários não os esgotam e eles sempre têm algo de novo e surpreendente a dizer. Ou seja, sempre despertam o desejo da releitura.

Os clássicos transformam os noticiários e os acontecimentos da realidade em pano de fundo, reduzem a relevância dos incidentes cotidianos e nos transportam ao plano das reflexões universais, na companhia dos escritores que definiram as bases de um conhecimento que transcende o momento histórico.

De modo geral, quando pensamos nos clássicos, pensamos primeiramente em ficção. Existem, porém, livros de História, de informação científica ou dedicados às Ciências Humanas que, pela qualidade, são referências em suas áreas. Existe também a ficção de entretenimento, em que o enredo é o principal atrativo, ou seja, uma vez conhecido o final da história, como nos romances policiais, a releitura se torna desinteressante. Entretanto, alguns desses romances se destacam pela qualidade da escrita, da reconstrução histórica ou da análise social. A sedução do enredo pode muito bem fazer dessa literatura a porta de entrada para os prazeres da leitura.

O PRAZER DE LER

O livro convoca a fantasia. A partir do texto, somos obrigados a construir uma imagem mental dos cenários, dos personagens e dos acontecimentos. Por meio da televisão, do computador, do cinema, dos quadrinhos, recebemos as figuras prontas, definidas, sem que haja margem para que o espectador, numa posição passiva, participe da criação.



Com os livros, pais, professores e amigos podem abrir a possibilidade de uma compreensão mais profunda dos conflitos do homem. Temos acesso ao legado dos que nos antecederam, nos transportamos para outros universos e espaços. Percorremos os labirintos da história, aprendemos com os fracassos e as descobertas dos antepassados, ampliamos ao infinito nosso círculo de “conhecidos”.

A leitura é um dos grandes prazeres que podemos desfrutar na solidão. Acolhemos quem nos agrada e, no anonimato, sem oferecer justificativas, podemos fechar um livro e romper os vínculos que não nos interessam.

A leitura não se incentiva por meio de argumentos lógicos ou de livros obrigatórios. Ela se transmite pela paixão que um leitor passa ao aprendiz, pelo desafio do autoconhecimento, pela curiosidade de saber um pouco mais sobre a vida.

TRABALHO INFANTIL

AO LONGO DA HISTÓRIA

Apesar da existência, desde a Antigüidade, de relatos de crianças submetidas à escravidão e a maus-tratos na Mesopotâmia e no Egito antigo, e embora a Idade Média tenha protagonizado uma cruzada das crianças (*ver boxe*), o trabalho infantil é um problema social classicamente associado ao nascimento da sociedade industrial e ao capitalismo.

Embora tenha existido em épocas passadas, principalmente em sociedades agrícolas, o trabalho infantil assumiu a natureza de exploração inescrupulosa a partir da Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII. Ganhou proporções escandalosas durante o século seguinte, espalhando-se por muitos países. Crianças, muitas delas com menos de 10 anos, foram empregadas na indústria têxtil e em minas, em jornadas de trabalho intermináveis, por salários insignificantes. Algumas delas eram simplesmente vendidas pelos pais, ao passo que outras ajudavam a complementar a renda familiar.

Entre os que passaram a condenar o trabalho infantil estavam Karl Marx (1818-1883) e Charles Dickens (1812-1870). Este último trabalhara numa fábrica quando tinha 12 anos. Com *Oliver Twist*, Dickens levou a questão ao grande público. O livro conta as aventuras e desventuras de um rapaz órfão. Trata também da delinqüência provocada pelas condições desfavoráveis do ambiente social.

CRUZADA DAS CRIANÇAS

No verão de 1212, milhares de crianças, em sua maioria francesas e alemãs, deixaram suas casas para se juntar a uma cruzada. Nenhuma delas conseguiu chegar à Terra Santa. O grupo francês se dirigiu a Marselha, onde mercadores inescrupulosos lhe ofereceram transporte gratuito até a Palestina. Algumas crianças se afogaram numa tempestade; as restantes foram vendidas como escravas... As crianças alemãs foram para a Itália, mas não conseguiram seguir adiante. Sem dinheiro e sem comida, tiveram de mendigar para sobreviver. Pouquíssimas conseguiram voltar para casa.

O fundamento, até certo ponto amparado em teorias aceitas no passado, para justificar o abuso e a opressão representados pelo trabalho era a visão da criança como uma “miniatura de ser humano”, um “ser inacabado” ou um “homem incompleto”. Com a escolarização se firmando como um processo cada vez mais extenso e bem definido, as primeiras décadas do século XX marcaram a consolidação da transição entre a criança tida apenas como um adulto pequeno e o direito a uma infância entregue às brincadeiras, aos jogos e ao aprendizado. Com o nascimento da Psicanálise, a demonstração do vínculo estreito entre os acontecimentos dos primeiros anos de vida e o destino do adulto determinou que a infância passasse a gozar de um cuidado cada vez maior e mais especializado.

Na Idade Média, as crianças compartilhavam o universo dos adultos, vestiam-se como eles, trabalhavam desde muito cedo, e o estudo, reservado aos nobres e ricos, acontecia em casa. As casas abrigavam várias famílias e não existia o que hoje chamamos de privacidade. As refeições e o sono eram coletivos. A solidão era quase impossível. Não havia uma percepção das particularidades afetivas da criança nem do que hoje conhecemos como adolescência. A construção da família moderna foi um processo lento que se iniciou no século XIV e se estendeu gradualmente por seiscentos anos até o final do século XIX.

NO MUNDO HOJE

Aos poucos, a passos lentos, mas cada vez mais restritivos, construiu-se uma legislação internacional, com variantes próprias em cada país, que passou a regulamentar e a limitar a exploração da mão-de-obra infantil.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que cerca de 250 milhões de crianças entre 5 e 17 anos são empregadas como força de trabalho em condições nocivas para a saúde, recebendo um pagamento miserável ou submetidas a um regime que pouco difere da escravidão. Quase três quartos trabalham em condições precárias, expostas a produtos químicos e pesticidas ou a máquinas perigosas. Milhões de outras servem ao tráfico de drogas, são exploradas sexualmente ou participam ativamente de conflitos armados. Com frequência, são invisíveis, ocultadas pelas paredes das casas e oficinas ou pelo verde das plantações. Muitas meninas trabalham como empregadas domésticas e são especialmente vulneráveis a maus-tratos.

Mais de 95% dessas crianças encontram-se em países da Ásia (cerca de 60% delas) e da África. A América Latina representa cerca



de 10% desse contingente. A maioria trabalha na agricultura de subsistência, em serviços informais, em manufaturas e confecções ou são prostituídas, distantes dos olhos do público. O trabalho em empresas de pequeno porte dificulta a fiscalização governamental.

NO BRASIL HOJE

No Brasil, a legislação voltada para o reconhecimento das particularidades da infância e dos direitos da criança se construiu aos poucos, dependente sempre do momento político, considerado desde o Império até nossos dias.

Herdamos concepções legadas pelo período da escravidão, de certa forma vigentes no imaginário coletivo. Durante os vinte anos da ditadura recente, houve certa resistência à elaboração de uma legislação que acompanhasse as conquistas da criança e do adolescente no então chamado Primeiro Mundo. Com o restabelecimento da democracia plena, o Brasil retomou com vigor os movimentos sociais em defesa dos direitos da criança e do adolescente, que culminaram com o Estatuto promulgado em 1990.

E, em todas as regiões do País, em especial na zona rural, é elevadíssimo o número de crianças envolvidas no trabalho doméstico, na plantação e colheita da cana-de-açúcar, do fumo, do algodão, do sisal e de frutas, nas atividades da indústria cerâmica, nas pedreiras, nos moinhos, nas carvoarias e na fabricação de sal.

Na zona urbana, as crianças trabalham nas tecelagens, no artesanato, nas indústrias de calçados e alimentos, como vendedoras, engraxates, catadoras de lixo, e, nas grandes cidades, vítimas das piores perversões, recrutadas para o tráfico de drogas e para a exploração sexual. A quase totalidade das crianças que trabalham vive afastada da escola.

Em 1989, a Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou a Convenção sobre os Direitos da Criança, complementada por outras convenções criadas pela OIT. Elas determinam uma idade mínima para o trabalho e reconhecem que existem formas de trabalho a serem combatidas prioritariamente. O Brasil é signatário de ambas as convenções. A Constituição brasileira fixa essa idade mínima em 16 anos.

O governo federal conta com um programa específico, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), criado em 1996, implementado em grande parte dos municípios brasileiros. Famílias de baixa renda recebem uma bolsa mensal para que mantenham as crianças na escola. Os municípios participantes devem oferecer atividades de cultura, esporte e reforço escolar às crianças inscritas no programa.



Em quinze anos, o Brasil conseguiu reduzir pela metade o número de crianças de 5 a 17 anos exploradas na lavoura, nos lixões e na fabricação de calçados.

Ocasionalmente, o trabalho que complementa a renda familiar pode representar uma experiência positiva para o desenvolvimento da criança. Ele depende em grande parte da idade, das condições de trabalho e da possibilidade de conciliá-lo com o estudo.

COMO TRABALHAR O LIVRO EM SALA DE AULA

Em classe, a discussão sobre o trabalho infantil pode abranger suas principais causas e as propostas de uma possível solução.

Não há dúvida de que a miséria e a pobreza, responsáveis pela exclusão social, estão na raiz do problema. Entretanto, há outras causas, entre elas a concepção cultural que pretende que o trabalho “dignifica a criança”, herança dos tempos da escravidão, ampliada pela Revolução Industrial e intensificada pelos imigrantes chegados em busca de melhores condições de vida e pela expansão do capitalismo.

É muito atraente a possibilidade de enriquecimento fácil à custa de uma força de trabalho que dispõe de energia, que é submissa e pode ser manipulada, incapaz de se organizar e reivindicar mudanças.

O tráfico de drogas, uma tragédia brasileira, é sedutor, pois proporciona à criança o acesso ao mundo dos adultos por meio de uma ocupação que oferece laços a quem não os tem e o reconhecimento dos companheiros por uma atividade secreta e excitante.

As dificuldades não devem representar obstáculos para agir contra o que hoje caracteriza uma atividade criminosa por meio:

- da sensibilização permanente da sociedade sobre os danos morais, físicos e intelectuais do trabalho infantil;
- da repressão ante a evidência de abusos e de exploração, seguida de ações judiciais contra os responsáveis pelos crimes;
- da orientação quando o trabalho resulta da ignorância e da miséria da família;
- do incentivo e do apoio a políticas sociais de amparo à família e de estímulo à escolarização;
- da denúncia de produtos cuja fabricação emprega, sabidamente, o trabalho infantil.

Uma pesquisa realizada pela OIT mostrou resultados surpreendentes: se os 250 milhões de crianças não fossem exploradas e tivessem acesso à educação, ainda que se considerassem o trabalho e a produção perdida, a vantagem econômica global seria notável.



Em vinte anos, para cada dólar gasto em educação se obteria aumento na renda *per capita* de quase US\$ 10 no mundo e de mais de US\$ 15 nos países emergentes (como China, Brasil, Índia, entre outros). A eliminação do trabalho infantil levaria, nos mesmos vinte anos, a um aumento médio de 9,3% do produto interno bruto (PIB) dos países da América Latina e de 5,1% dos emergentes.

Irmãos pretos propicia, dessa forma, a discussão da importância da ficção. Os noticiários informam diariamente sobre a existência de crianças a serviço do tráfico de drogas, sobre o recrutamento de crianças em guerras civis, sobre a exclusão social e a evasão escolar decorrentes da miséria que impõe o trabalho precoce. Esse conjunto reiterado de informações não tem o efeito da leitura de uma obra ficcional. A literatura sensibiliza mais para o “outro”, o semelhante com quem nos identificamos por meio de uma história romanceada ou “inventada”.

Por esse caminho, podemos descobrir a força transformadora da leitura, em especial das obras de valor perene, em que a informação e a “realidade” assumem plano secundário.

FILMES E VÍDEOS

- *Crianças invisíveis*, lançado em abril de 2006, reúne sete episódios dirigidos por alguns dos maiores diretores de cinema da atualidade, entre eles John Woo (China), Ridley Scott (Inglaterra), Spike Lee (Estados Unidos), Emir Kusturica (Sarajevo) e Kátia Lund (Brasil). O filme conta a história de crianças em sete diferentes países. Tem como objetivo chamar a atenção de governos, da sociedade civil e de cada cidadão para os milhões de crianças, em todos os continentes, excluídas e invisíveis: crianças que trabalham; crianças afetadas pelo HIV; crianças que vivem sem a família; crianças discriminadas por fatores raciais e étnicos; e os meninos-soldados na África. O episódio brasileiro, dirigido por Kátia Lund, mostra o cotidiano de Bilu e João, uma menina e um menino que coletam materiais recicláveis nos lixos de São Paulo.
- *Oliver Twist* foi adaptado para o cinema em diversas versões. Destacam-se a do cineasta inglês David Lean (1948), e a do diretor polonês Roman Polansky (2005).
- No *site* da BBC Brasil há vídeos sobre o trabalho infantil no Brasil. Um deles exhibe alguns dos bons resultados do Peti.
www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030522_tvvideo.shtml
- No *site* do Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária (Idaco) há vídeos sobre o trabalho infantil em diferentes regiões do Brasil.
www.idaco.org.br/portugues/video/criancas.html



LIVROS

- AZEVEDO, Jô. *Serafina e a criança que trabalha*. São Paulo: Ática, 2005. A criança que trabalha em vez de estudar e brincar não só perde a infância, como também a oportunidade de um futuro melhor. Esse livro foi escrito para informar as próprias crianças sobre o grave problema do trabalho infantil.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BAFFERT, Sigrid. *Os operários com dentes de leite*. Histórias sobre o trabalho infantil. São Paulo: Edições SM, 2006.
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Há várias versões em português.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO/UNICEF. *Crianças invisíveis*. São Paulo: Cortez, 2003. Enfoque da imprensa sobre o trabalho infantil doméstico e outras formas de exploração.

ELABORAÇÃO DO GUIA PAULO SCHILLER (PSICANALISTA, TRADUTOR E AUTOR DE *A VERTIGEM DA IMORTALIDADE*); PREPARAÇÃO HEITOR FERRAZ MELLO; REVISÃO MARCIA MENIN E GISLAINE MARIA DA SILVA

